

## ENTREVISTA COM O PADRE JENUÁRIO BÉO

Realizada pelo Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, para a *Revista Cadernos de Sion*.

Padre Jenuário Béo narra, na entrevista, pontos de sua trajetória pessoal e religiosa, fala do carisma da Congregação dos Religiosos de Sion, do diálogo judeu-cristão e das atividades pastoral e educacional assumidas por ele, em sua Congregação.

1. O senhor poderia contar um pouco sobre sua trajetória religiosa, desde sua entrada na Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, em 1959, e as contribuições que ofereceu como Superior Geral, Mestre de Noviços, formador de postulantes e juniores?

Creio que essas páginas da *Revista Cadernos de Sion* deveriam ser escritas por um jovem padre do que por um velho como eu. Isso porque, há 80 anos, o ambiente religioso era bem diferente, talvez menos vazio, e a igreja-povo menos secularizada.

O documento do Concílio Vaticano II sobre as Escrituras diz que Deus nos fala também pelas circunstâncias. Foi assim que eu fui chamado ou me chamei para entrar na vida religiosa.

Meu pai me levava, andando, todos os domingos, às 05h30m, para participar da eucaristia com os padres Estigmatinos, pois eu tinha a “honra” de ser coroinha. Assim, fui iniciado na catequese e percorri todos os caminhos “espirituais” da época: cruzados, congregação mariana menor e maior, até que um dia, com a idade de 11 ou 12 anos, achei extraordinária a atitude de um padre, que pregava em praça pública.

O psicólogo diria que, nesse momento, despertou a auto afirmação de um adolescente. O teólogo diria que foi aí que a graça de Deus se manifestou: e eu disse “quero ser padre como ele”.

Um ano depois, falei do meu desejo com um padre, que ficou todo entusiasmado, pois me conhecia, há vários anos. Falei com meu pai, um italiano alto e

forte. Ele simplesmente me disse não e não me explicou o porquê. Anos mais tarde, entendi o que ele quis dizer: “você é muito criança e, ainda, não sabe o que quer”.

Passaram-se vários anos; trabalhei em algumas firmas e já com quase 17 anos, trabalhando em um escritório como auxiliar do advogado, senti-me enjoado da repetitividade do serviço e disse para mim mesmo: - vou ser padre! Falei com meu pai, esperando que ele dissesse *não*, para eu jogar a culpa nele, mas ele disse: - faça o que você achar melhor. Desmoronei... Agora tinha que manter a palavra.

Fiquei uma semana desempregado. Meu irmão (um dos 10) era guarda civil e estava na chuva, esperando uma carona, quando passou um padre de Sion, num jeep antigo e ofereceu-lhe a esperada condução. No trajeto, disse meu irmão: - lá em casa tem um moleque que quer ser padre!

Foi assim que entrei para Sion.

2. Quais as influências do Concílio Vaticano II que movimentaram a Igreja à época de sua ordenação sacerdotal em 1968?

Três anos após o encerramento do Concilio Vaticano II, fui ordenado padre em Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque. Foi uma época difícil para tomar essa decisão. O Concilio Vaticano, com ainda o é hoje, era muito mal entendido. Junte-se isso o florescimento da Teologia da Libertação na América Latina.

Senti a necessidade não só de mudar o hábito (batina etc) mas, principalmente, a espiritualidade. A *oração pura, teoria, contemplação, mística etc* parece que ficou sem sentido naqueles dias. Sair da espiritualidade solitária para uma espiritualidade solidária era quase impossível. Deixar o estilo de vida disciplinar para o estilo de vida comunitária me deixava desnorteado. Nessa época, as teorias de Freud entraram com força total no ambiente clerical.

Foi nesse ambiente que comecei e fiquei por mais de 40 anos de minha vida como ecônomo, formador e um tempinho como pároco. O Concilio, na época, era justificativa ou desculpa para toda e qualquer atitude dos formandos, professores e religiosos padres ou não e, geralmente, para agir como melhor lhes aprouvesse!

3. Por que sua escolha pela Congregação de Sion para o seu ministério sacerdotal? Em que medida a missão dos fundadores da Congregação se adapta a esses novos tempos da Igreja?

Com essa revolução, que durou muitos anos, eu sempre pensei: não escolhi Sion. Como acredito na presença de Deus, sei que foi Ele que me escolheu para ficar nesse setor da Igreja. A princípio, só fiquei conhecendo e praticando as orações próprias, que a Congregação fazia, inspiradas em nosso Carisma. Eu apenas, livremente, disse: sim!

Do objetivo específico da Congregação, eu praticava as orações com uma vaga mentalidade dos fundadores e do judaísmo, muito mais dos judeus do que do judaísmo.

Na Faculdade, hoje PUC-SP, creio que fui o primeiro estudante de Sion a fazer um trabalho sobre o judaísmo e cristianismo com o tema da Encíclica: Corpo Místico de Cristo. Felizmente, tal trabalho se perdeu e recebi a nota mínima para ser aprovado, pois até hoje a Igreja-povo e parte da hierarquia, aprova este distanciamento.

Com o tempo, muitas coisas mudaram para mim. Hoje, vejo muitas possibilidades para Sion: aprofundamento de nossa fé cristã alicerçada no judaísmo, visão bíblica muito mais ampla, em que vejo que Deus não faz acepção de pessoas, embora a Igreja o faça, às vezes, de modo escancarado. A espiritualidade cristã, a meu ver, ganhará muito ao conhecer e desejar praticar a espiritualidade judaica, ampliada em Jesus Cristo. Muitas coisas do Segundo Testamento se perdem, porque ignoramos o Primeiro. Isso eu constato na piedade popular e nas esferas de alguns teólogos e membros da hierarquia católica, como já disse.

Acredito que seja possível na educação brasileira eliminar, ou ao menos diminuir, o sentido de: judiar, judeus, deicidas e tantas outras interpretações errôneas das Escrituras. É, ainda, possível fazer com que formandos de teologia e padres comecem a ver Jesus Cristo como Ele é: judeu, com suas tradições, com sua mística própria, sua realidade social e religiosa, sem ser fundamentalista ou, como digo, fanáticos por uma perspectiva que nem sempre deve ser a de Deus.

As crianças poderiam ter uma formação, ao menos ecumênica, pois quem tem elementos de ecumenismo melhor do que as verdades do cristianismo? A Congregação de Sion pode ser, no mínimo, uma referência e já iniciou sua caminhada com alguns religiosos

bastante capazes no Brasil, na Europa e também com várias publicações nas linhas bíblicas e teológicas.

4. O senhor assumiu vários cargos na Congregação de Nossa Senhora de Sion, em meio às dificuldades do mundo em diferentes épocas, especificamente, sobre o diálogo judeu-cristão. Embora o documento *Nostra Aetate* seja bem realista, mas aprovado em lá em 1965, o senhor acha que ele é ainda atual? A *Nostra Aetate* renova a perspectiva da Igreja Católica sobre a religião judaica?

O número 4 do documento Conciliar *Nostra Aetate*, não tenho dúvida, hoje é um dos documentos mais comentados na Igreja e em alguns círculos cristãos e judaicos. Eu disse acima que, até hoje, o Concílio Vaticano II não foi totalmente, ou quase nada, entendido. O documento Conciliar *Nostra Aetate* é um deles. A atualidade dele, para mim, brota do seu significado próprio. Caso alguém goste ou não goste é um número que propõe a unidade, respeitando as diferenças, que além das diferenças institucionais ele mostra uma continuação entre o velho e o novo. Se a religião (instituição) não conseguir esse casamento, ao menos, ela poderá servir com os princípios desse documento, para fazer uma aproximação pela tecnologia que, certamente, acontecerá entre os povos. Acredito nesse início de inspiração divina para um melhor entendimento entre os povos

5. Gostaria que o senhor comentasse sobre o papel do carisma de sua Congregação para a educação brasileira.

Todavia, fazer normas para o mundo é praticamente impossível. Limito-me à importante missão de que minha Congregação tem na área da educação e pastoral paroquial brasileira bem como algum relacionamento cristão-judaico já bastante sólido.

Como dizia Bossuet: a natureza não dá saltos. A Congregação de Nossa Senhora de Sion, na Europa, iniciou, bem antes, várias reflexões sobre nosso carisma. No Brasil, ainda no início, como a primeira preocupação de Sion era estabelecer-se e conseguir vocações, para que o carisma, ainda desconhecido, sobrevivesse, pouco ou quase nada se fez.

Nesses últimos 20 anos a Congregação se voltou, lenta mas firmemente, para a pesquisa do carisma.

6. Que conselhos o senhor daria aos jovens que se sentem vocacionados à vida religiosa em Sion?

Assim um jovem ou adulto que queira ser de Sion deve em primeiro lugar conhecer o melhor possível o que Deus quer desse grupo com essa finalidade. Em segundo lugar que ele tenha gosto pelo estudo e oração, tendo como alimento principal a Palavra de Deus, escrita, falada ou testemunhada, conforme o ambiente em que ele for viver. É claro, antes de tudo, que ele seja religioso com todas as suas possibilidades humanas.

--

7. Em que medida o carisma e a missão de Sion, iniciados por Theodoro e Afonso Ratisbonne podem ser considerados atuais? O senhor poderia relacionar o carisma de Sion às atividades pastorais e educacionais que hoje são realizadas pelos sacerdotes e religiosos de Sion.

Se você, jovem ou adulto aderir a esse estilo de vida pode estar certo de que você estará participando de uma missão profética iniciada pelos irmãos Ratisbonne. Afonso e Teodoro foram instrumentos da profecia de Deus, que se concretiza cada vez mais depois do Concílio Vaticano II.

Nossa Congregação de religiosos, repito, hoje é visível em Jerusalém e também em Paris.

No Brasil, no âmbito educacional, temos duas escolas de bom nível e que levam o nome de Sion. Nossas Casas de formação em São Paulo, no Paraná e Rio de Janeiro, hoje são mais vistas como sendo dos padres ou religiosos de Sion.

Nossas paróquias: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais tem religiosos e padres que anunciam de modo claro o Carisma de Sion.

Quando digo que temos visibilidade nesses lugares deixo longe a ideia de que são estáticos. Ao contrário, há bastante dinamismo, muitas vezes enfrentando teologias, sociologias e espiritualidades bem opostas a nosso Carisma.

A única coisa que muitos opositores sabem, com segurança, é que desconhecem inteiramente esse Carisma da Igreja, maior do que a Congregação de Sion.

Desejo, para terminar, que caso você não esteja de fato, tão seguro de conhecer esse Carisma que procure conhecê-lo.